

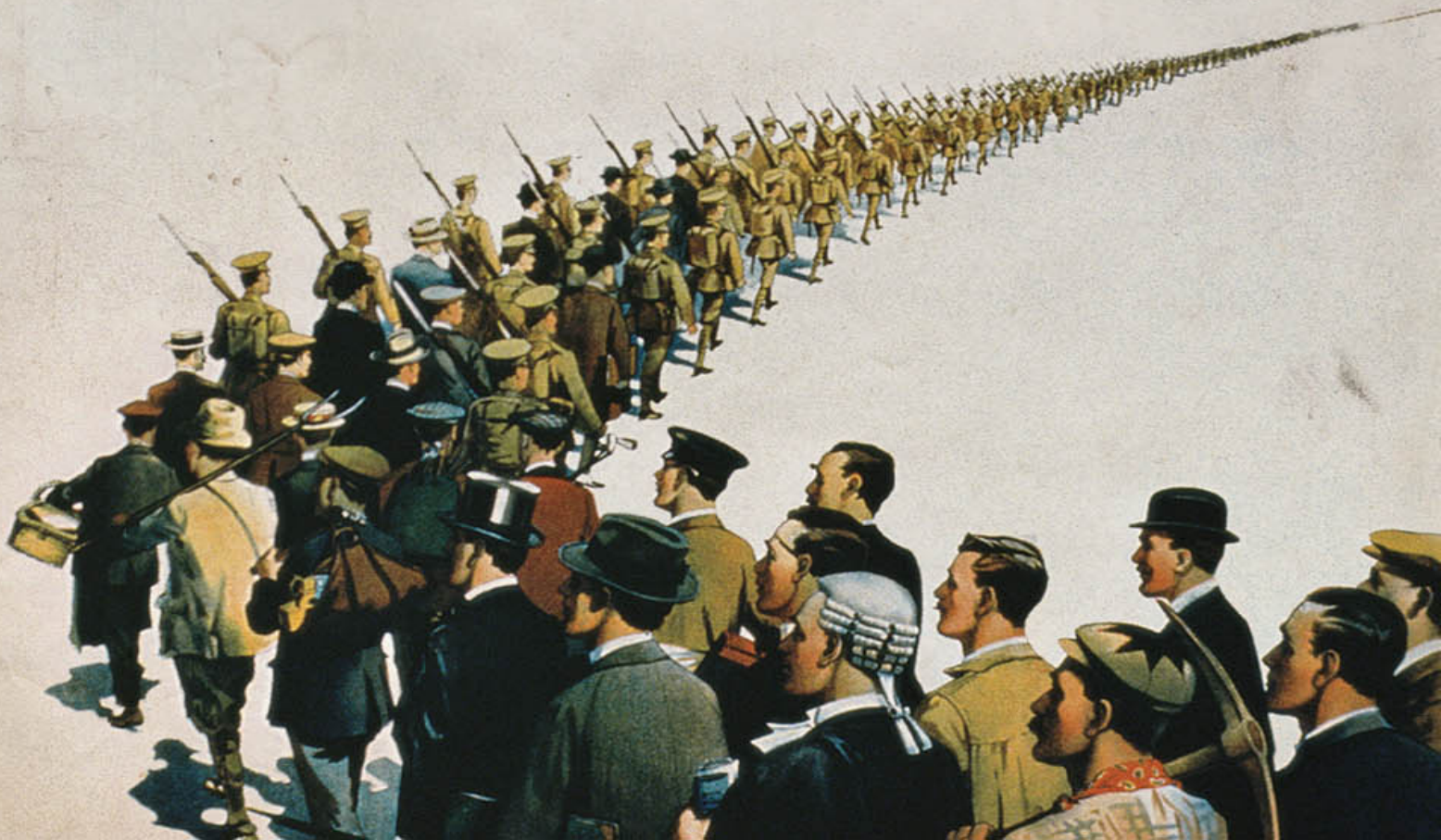
PETER ENGLUND

A BELEZA E A DOR

UMA HISTÓRIA ÍNTIMA
DA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL



COMPANHIA DAS LETRAS



PETER ENGLUND

A beleza e a dor

*Uma história íntima da Primeira Guerra
Mundial*

Tradução do sueco

Fernanda Sarmatz Åkesson



Dedicado à memória de Carl Englund, soldado do Exército australiano, nº 3304, Terceira Divisão, 11ª Brigada, 43º Batalhão de Infantaria. Participou das batalhas de Messines e Passchendaele, em 1917. Morto em combate em Amiens, em 13 de setembro de 1918. Sepultado em lugar desconhecido.

Tudo o que atraiu a agonia e o temor nos locais de execução, nas câmaras de tortura, nos hospícios, nas salas de operações, embaixo das pontes no final do outono: tudo isso é constante, tudo isso está fora do alcance e permanece, com ciúmes daquilo que é duradouro em sua terrível realidade. As pessoas gostariam de poder esquecer, o sono deslizando com suavidade pelos sulcos da mente, mas os sonhos chegam, rejeitam o sono e preenchem os sulcos com novas imagens. Elas acordam, suspiram e, à luz de velas, bebem a luz do amanhecer como se fosse uma tranquilizante água com açúcar. Mas não, na borda estreita não conseguem equilibrar essa segurança. Basta uma pequena torção para que o olhar abandone o conhecido, o amigável e recente contorno consolador, para que se transforme em uma linha de horror.

Rainer Maria Rilke, *Os cadernos de Malte Laurids Brigge*, 1910

O verão tinha sido maravilhoso e prometia ser melhor ainda, enxergávamos o mundo sem preocupação. Lembro-me de que, no último dia em Baden, eu caminhara com um amigo por uma vinha, e um velho vinicultor nos dissera: “Não tínhamos um verão assim há muito tempo. Se o tempo permanecer como está, teremos um vinho inigualável este ano. As pessoas sempre se lembrarão do verão de 1914!”

Stefan Zweig, *O mundo que eu vi*, 1942

Sumário

[Apresentação](#)

[Dramatis personae](#)

[1914](#)

[1915](#)

[1916](#)

[1917](#)

[1918](#)

[Epílogo](#)

[Coda](#)

[Referências bibliográficas](#)

[Créditos das imagens](#)

Apresentação

Caro leitor,

Este é um livro sobre a Primeira Guerra Mundial. Não sobre *o que foi* essa guerra — ou seja, suas causas, seu desenrolar, seu final ou suas consequências —, e sim *como* foi esse conflito. O leitor não encontrará aqui tantos fatores, mas pessoas. Não encontrará tantos eventos e processos, mas impressões, experiências ou estados de ânimo. O que tentei reconstruir aqui foi o mundo emocional em primeiro lugar, e depois o curso dos acontecimentos.

O leitor acompanhará dezenove indivíduos, todos reais (o livro não contém nada fictício, pois seu conteúdo se baseia nos diferentes tipos de documentos que essas pessoas nos deixaram), todos eles resgatados do anonimato ou esquecidos e situados nas camadas mais baixas das hierarquias. Enquanto a Primeira Guerra Mundial, como é percebida em geral, veio a ser sinônimo da lama da Frente Ocidental, muitas dessas pessoas se encontravam em outros palcos de guerra, como a Frente Oriental, os Alpes, os Balcãs, a África Oriental e a Mesopotâmia. A maioria delas é muito jovem, tendo por volta de vinte anos.

Desses dezenove indivíduos, dois morrerão em combate, dois serão aprisionados, dois se tornarão heróis e dois sofrerão danos físicos permanentes. Muitos deles veem a guerra como algo positivo, mas que, mais tarde, aprenderão a odiar. Alguns nutrem um sentimento de ódio pelo conflito, desde o primeiro dia. Há um que ama a guerra, do início ao fim.

Uma dessas pessoas perderá literalmente a razão, indo parar em um hospital psiquiátrico. Outra nunca ouvirá uma arma ser disparada. E assim por diante. Apesar de suas diferenças quanto ao destino, ao seu papel, ao sexo e à nacionalidade, todos têm algo em

comum. A guerra os privará da juventude, das ilusões, da esperança, da humanidade, da vida.

A maior parte dessas dezenove pessoas passará por situações dramáticas e atrozes, mas o que se pretende focar aqui é o cotidiano da guerra. Em resumo, este texto é um pedaço de anti-história, em que procurei me concentrar nos elementos mais atômicos e mais ínfimos, ou seja, no indivíduo e nas suas vivências. Um acontecimento que, por onde quer que se olhe, ficou marcado na memória.

Sobre o melancólico ceticismo de minha própria profissão, que impulsiona esta abordagem, talvez eu venha a falar em outra ocasião.

Peter Englund

Segunda-feira, 30 de junho de 2008,
com chuva batendo na janela

Dramatis personae

Elfriede Kuhr — Estudante alemã, doze anos.*

Richard Stumpf — Marinheiro alemão, 22 anos.

Pál Kelemen — Membro da cavalaria austro-húngara, vinte anos.

Andrei Lobanov-Rostovski — Engenheiro do Exército russo, 22 anos.

Florence Farmborough — Enfermeira inglesa do Exército russo, 27 anos.

Kresten Andresen — Soldado dinamarquês do Exército alemão, 23 anos.

Michel Corday — Funcionário público francês, 45 anos.

Alfred Pollard — Soldado da infantaria britânica, 21 anos.

William Henry Dawkins — Engenheiro do Exército australiano, 21 anos.

Sophie Botcharski — Enfermeira do Exército russo, 21 anos.

René Arnaud — Soldado da infantaria francesa, 21 anos.

Rafael de Nogales — Membro da cavalaria otomana, venezuelano, 35 anos.

Harvey Cushing — Cirurgião do Exército americano, 45 anos.

Angus Buchanan — Soldado da infantaria britânica, 27 anos.

Willy Coppens — Piloto da Força Aérea belga, 22 anos.

Olive King — Motorista do Exército sérvio, australiana, 28 anos.

Vincenzo D'Aquila — Membro da infantaria italiana, americano de origem italiana, 21 anos.

Edward Mousley — Membro da artilharia britânica, neozelandês, 28 anos.

Paolo Monelli — Caçador de montanha do Exército italiano, 23 anos.

*. A idade dos personagens data do início da guerra.

1914

Ir para a guerra não pelos bens ou pelo ouro, não pela pátria ou pela honra, nem mesmo para eliminar os inimigos, mas para fortalecer a personalidade. Fortalecê-la com poder e vontade, hábitos, motivação e seriedade. Por isso quero ir à guerra.

Cronologia

- 28/jun. O arquiduque Francisco Ferdinando, herdeiro do Império Austro-Húngaro, e sua esposa são assassinados em Sarajevo.
- 23/jul. O Império Austro-Húngaro envia um ultimato à Sérvia.
- 28/jul. O Império Austro-Húngaro declara guerra à Sérvia.
- 29/jul. A Rússia se mobiliza contra o Império Austro-Húngaro, a favor da Sérvia.
- 31/jul. A Alemanha exige que a Rússia interrompa sua mobilização, o que não acontece.
- 01/ago. A Alemanha se mobiliza, assim como a França, agora aliada da Rússia.
- 02/ago. Tropas alemãs invadem a França e Luxemburgo, enquanto os russos invadem a Prússia Oriental.
- 03/ago. A Alemanha exige que a Bélgica permita a passagem das tropas alemãs. A exigência não é atendida.
- 04/ago. A Alemanha invade a Bélgica. A Grã-Bretanha declara guerra à Alemanha.
- 06/ago. Tropas francesas invadem a colônia alemã do Togo.
- 07/ago. A Rússia invade a parte alemã da Prússia Oriental.
- 13/ago. O Império Austro-Húngaro invade a Sérvia. A campanha é malsucedida.
- 14/ago. Tropas francesas entram na Lorena, mas são derrotadas.
- 18/ago. A Rússia invade a Galícia austro-húngara.
- 20/ago. Bruxelas sucumbe. Tropas alemãs seguem para o sul, em direção a Paris.
- 24/ago. A colônia alemã de Camarões é invadida pelos Aliados.
- 26/ago. A Batalha de Tannenberg tem início. Os russos reagem na

Prússia Oriental.

- 01/set. Começa a Batalha de Lemberg, com grandes perdas para a Áustria-Hungria.
- 06/set. Contraofensiva britânica e francesa no Marne. A marcha alemã para Paris é impedida.
- 07/set. A segunda invasão da Sérvia, pelos austro-húngaros, é iniciada.
- 11/set. A partida para o mar tem início.
- 23/set. O Japão declara guerra à Alemanha.
- 12/out. Começa a primeira das muitas batalhas em Flandres.
- 29/out. O Império Otomano entra na guerra, aliando-se à Alemanha.
- 03/nov. A Rússia invade a Armênia, província do Império Otomano.
- 07/nov. A colônia alemã de Tsingtao, na China, é conquistada por tropas japonesas e britânicas.
- 08/nov. Início da terceira invasão da Sérvia.
- 18/nov. Ofensiva otomana no Cáucaso.
- 21/nov. Tropas britânicas ocupam a cidade de Basra, na Mesopotâmia.
- 07/dez. Começa o segundo conflito em Varsóvia.

1. TERÇA-FEIRA, 4 DE AGOSTO DE 1914

Elfriede Kuhr vê o 149º Regimento de Infantaria partir de Schneidemühl

Noite quente de verão. Música suave ao longe. Elfriede e seu irmão encontram-se dentro de casa, na Alte Bahnhofstrasse, 17, mas assim mesmo ouvem o som da canção, que vem se aproximando. Eles logo percebem o que está para acontecer. Saem correndo para a rua, rumo à estação de trem, uma construção de cor amarelada que lembra mais uma fortaleza. Em frente ao prédio, concentra-se uma multidão, e todas as luzes estão acesas. Elfriede acha que o reflexo das luzes batendo na folhagem das castanheiras faz com que ela pareça de papel.

Ela sobe na cerca de ferro que separa a estação do local onde a multidão se aglomera. A música se aproxima. Ela vê um trem de carga parado, à espera, na plataforma número 3. Vê que sai vapor da locomotiva. As portas dos vagões estão abertas, e lá dentro ela vislumbra os soldados reservistas vestidos à paisana, prontos para a partida. Os homens se inclinam para fora, acenam e riem. Ao mesmo tempo, a música fica cada vez mais alta, mais clara, nessa noite quente de verão. O irmão de Elfriede anuncia: “Eles vêm vindo! O 149º!”.

É por eles que todos estão aguardando: o 149º Regimento de Infantaria, a unidade militar da cidade. Eles irão para a Frente Ocidental. “Frente Ocidental”, uma expressão nova. Até hoje Elfriede nunca tinha ouvido falar nisso. A guerra é coisa dos russos, todo mundo sabe; é para enfrentar as forças russas que o Exército alemão foi mobilizado, elas logo atacarão, todos já sabem disso também.^a A ameaça do leste é constante, em especial para os que

vivem na Pomerânia, e Schneidemühl não é nenhuma exceção. A fronteira russa fica a menos de 160 quilômetros dali, e a cidade é cortada pela ferrovia que liga Berlim a Königsberg, o que a torna um alvo fácil para o poderoso inimigo oriental.

Para a população de Schneidemühl, vale o mesmo que para os políticos e generais que, tateando e tropeçando, desastrados, levaram a Europa à guerra: há informações, mas são quase sempre incompletas ou desatualizadas, e a falta de fatos acaba sendo preenchida por adivinhações, suposições, falsas esperanças, medos, ideias fixas, teorias conspiratórias, sonhos, pesadelos, rumores. Aqui em Schneidemühl, como em milhares de cidades e vilarejos no continente, vão-se produzindo sobretudo rumores — uma imagem adulterada dos acontecimentos e dados enganosos. Elfriede Kuhr tem doze anos, é uma menina inteligente e inquieta, de tranças louro-avermelhadas e olhos verdes. Ela ouviu dizer que aviões franceses bombardearam Nuremberg, que a ponte ferroviária perto de Eichenried foi atacada, que tropas russas estão por perto de Johannsburg, que agentes russos tentaram matar o príncipe herdeiro em Berlim, que um espião russo tentou explodir a fábrica de aviões na periferia, que um agente russo tentou contaminar a água da cidade com o vírus do cólera e que um agente francês tentou explodir as pontes do rio Küddow.

Nada disso corresponde à verdade, o que só ficará esclarecido mais adiante. Hoje parece que o povo está preparado para acreditar em qualquer coisa, por mais incrível que pareça.

Para as pessoas de Schneidemühl, assim como para quase todos os alemães, trata-se de uma guerra defensiva, uma guerra da qual foram obrigados a participar, e agora não há outro caminho que não seja ir até o fim. Os alemães e seus semelhantes em cidades e vilarejos na Sérvia, na Áustria-Hungria, na Rússia, na França, na Bélgica e na Grã-Bretanha têm temores, esperanças e um forte sentimento de justiça, pois agora os aguarda uma luta fatídica contra as forças das trevas. Uma poderosa onda de emoções passa por Schneidemühl, Alemanha e Europa, levando consigo tudo e todos. Mas o que entendemos como escuridão é como luz para os inimigos.

Elfriede ouve o irmão chamá-la e logo vê o que está acontecendo. Lá vêm eles, enfileirados, os soldados fardados de cinza, com coturnos de cano curto e couro claro, carregando mochilas imensas e capacetes pontiagudos forrados de tecido cinzento. Em frente à tropa marcha uma banda militar e, à medida que eles se aproximam da estação, a multidão começa a acompanhar aquela melodia já tão conhecida. Os soldados cantam e, quando chegam no refrão, a plateia passa a acompanhá-los. A canção soa como um poderoso rugido nessa noite do mês de agosto:

*Lieb' Vaterland, magst ruhig sein,
Lieb' Vaterland, magst ruhig sein,
Fest steht und treu die Wacht, die Wacht am Rhein!
Fest steht und treu die Wacht, die Wacht am Rhein!*^b

O ar se enche do ruído dos tambores, do som das botas pisoteando o chão e dos gritos entusiásticos. Elfriede anota em seu diário:

Então veio o 149^o, ombro a ombro, e se espalhou pela plataforma como uma maré cinzenta. Todos os soldados tinham guirlandas de flores em volta do pescoço ou presas no peito. De dentro dos rifles saíam arranjos de ásteres, folhas e rosas, como se eles fossem atirar nos inimigos usando flores à guisa de munição. Os soldados tinham uma expressão séria. Eu imaginava que eles estariam rindo, exultantes.

Elfriede vê então um soldado às gargalhadas, um tenente que ela reconhece de imediato. Ele se chama Schön e ela o observa enquanto se despede de sua família e depois desaparece no meio da multidão. Ela repara que o soldado, o tempo todo, recebe tapas de encorajamento nas costas, abraços e beijos do povo. Ela quer gritar: “Olá, tenente Schön!”. Mas não tem coragem.

A música continua a soar, acima da multidão forma-se uma nuvem de chapéus e lenços se agitando, o trem que leva os soldados reservistas apita e começa a partir, todos gritam entusiasmados e acenam. Logo o 149^o partirá também. Elfriede desce da cerca de ferro, é envolvida pela multidão e sente medo de ser esmagada, sufocada. Ela avista uma senhora com os olhos

marejados. A senhora solta gritos de cortar o coração: “Paul! Onde está meu pequeno Paul? Deixem-me pelo menos ver o meu filho!”. Elfriede não tem a menor ideia de quem seja Paul, ela encontra-se no meio de uma aglomeração de costas, braços, barrigas e pernas. Abalada, ou talvez apenas sentindo-se agradecida por poder desviar seus pensamentos dessa confusão de imagens, sons e sentimentos esmagadores, Elfriede começa a rezar: “Meu Deus, proteja o Paul! Traga-o de volta para essa senhora! Eu lhe peço, por favor, por favor por favor!”.

Ela vê que os soldados começam a marchar e a seu lado um menino pequeno enfia a mãozinha através da grade e diz: “Soldado, adeus!”. Um dos soldados uniformizados pega a mão do menino e lhe dá uma leve sacudida: “Adeus, irmãozinho!”. Todos riem, a banda toca “Deutschland, Deutschland, über alles”, alguns acompanham cantando. Um trem comprido enfeitado de flores se aproxima da plataforma número 1. Ouve-se um toque de corneta, e os soldados logo começam a embarcar. Ofensas, piadas, ordens de comando no ar. Um soldado retardatário passa correndo por Elfriede, que se encontra atrás da grade. Ela cria coragem, estende-lhe a mão e diz, tímida: “Boa sorte!”. Ele a vê, sorri e segura seu pulso: “Até a volta, menina!”.

Elfriede o segue com o olhar. Ela vê o soldado subir no vagão de carga. Ele se vira, e os dois trocam olhares. O trem começa a se movimentar, primeiro devagar e então cada vez mais rápido.

Os gritos de entusiasmo se transformaram em rugidos, os rostos dos soldados encheram as portas abertas, flores voavam ao redor e muitas pessoas começaram a chorar ao mesmo tempo.

“Até logo! Nós nos encontraremos aqui de novo!”

“Não tenham medo! Voltaremos logo!”

“Vamos celebrar o Natal com mamãe!”

“Sim, sim, sim, voltem sãos e salvos!”

De dentro do trem surge uma poderosa música. Elfriede só tem tempo de entender uma parte do refrão: “*In der Heimat, in der Heimat, da gibt’s ein Wiedersehen!*”.⁶ E, assim, os vagões vão desaparecendo na noite. Nessa noite escura e quente de verão.

Elfriede está emocionada. Ela volta para casa com vontade de chorar. A mão que o soldado segurou vai estendida à sua frente, como se estivesse carregando algo muito valioso e ao mesmo tempo muito frágil. Ao subir a escada mal iluminada que leva até a Alte Bahnhofstrasse, 17, ela beija rápido a própria mão.

2. QUINTA-FEIRA, 20 DE AGOSTO DE 1914

Richard Stumpf encontra-se a bordo do SMS Helgoland e copia um poema

Ele está muitíssimo aborrecido. Mais uma declaração de guerra, mais um Estado que se une aos inimigos da Alemanha. Agora, o Japão. Os governantes de Tóquio já se mobilizaram, entre os primeiros de uma longa fila de oportunistas. Querem aproveitar esse momento de insegurança para abocanhar alguma coisa, de preferência um pedaço significativo de território. O Japão já apresentou um ultimato ao ministro das Relações Exteriores em Berlim, exigindo que todos os navios de guerra alemães saiam da Ásia e que a colônia alemã de Tsingtao seja devolvida aos japoneses.^d

A raiva de Stumpf transborda e o faz descarregar a invectiva racista: “Só mesmo esses asiáticos amarelos de olhos puxados seriam capazes de vir com essa reivindicação absurda”. Mas ele está mais do que convencido de que as tropas alemãs na Ásia darão uma verdadeira lição nesses “macacos amarelos ladrões”.

Richard Stumpf é um marinheiro de 22 anos, da Marinha alemã, oriundo da classe trabalhadora, que há dois anos se sustentava como funileiro, antes de se alistar; é também católico praticante, membro de uma associação cristã e nacionalista declarado. Como tantos outros, está embriagado de alegria por causa da eclosão da guerra, que significa poder acertar as contas com os traidores ingleses, já que “a verdadeira causa” para a Grã-Bretanha participar do conflito é “a inveja das nossas conquistas econômicas”. “Que Deus castigue a Inglaterra”, dizem muitos dos soldados

uniformizados quando entram em algum recinto, como forma de cumprimento. Todos respondem em coro: “Que assim seja”.

Stumpf é inteligente, chauvinista, curioso e preconceituoso. Tem talento para a música e gosta muito de ler. Em sua fotografia podemos ver um jovem sério, o rosto em formato oval, olhos unidos e boca pequena e bem desenhada. Hoje Stumpf se encontra no mar, perto do estuário do Elba, a bordo do grande navio de guerra SMS *Helgoland*, em que tem servido desde seu alistamento.^e É onde também se encontrava quando a guerra eclodiu.

Richard se lembra de que o humor geral da tripulação estava meio em baixa quando o navio aportou. É que, quando em alto-mar, eles não tinham sido alcançados pelas notícias emocionantes — em todos os lugares se ouvia o povo reclamando de “todo este barulho por nada”. Apesar de ser permitido desembarcar, não foi isso que fizeram. Às cinco e meia, após o sinal de “todos os homens ao convés”, eles ali se enfileiraram. Um dos oficiais da belonave, com ar sombrio e um papel na mão, anunciou que tanto o Exército quanto a Marinha haviam sido mobilizados. “Vocês sabem o que isto significa: guerra!” A orquestra do navio tocava uma canção patriótica, e todos a cantavam, entusiasmados. “Nossa alegria e empolgação eram sem limites e duraram a noite toda.”

No meio de toda essa animação já se percebe uma notável assimetria. A energia no ar arrebatava todo mundo. Stumpf nota, com satisfação, que muitos escritores antes radicalmente críticos ao governo do cáiser Guilherme mudaram de tom e agora se mostram patriotas. O que se esconde nessa tempestade de emoções de alta tensão é a pergunta crucial: *por que* se luta? Assim como Stumpf, muitos afirmam saber “do que se trata”, ou acham que encontraram “a verdadeira razão”, mas essas causas e razões já estão desaparecendo por trás do fato de que há uma luta. A guerra dá sinais de estar se tornando um fim em si mesma. Poucos falam agora sobre Sarajevo.

Parte da propaganda contra o número crescente de opositores já alcançou seu limite, na opinião de Stumpf. Como um vulgar cartão-postal que ele acabou de ver em uma loja, que mostra um soldado

alemão pondo um inimigo sobre os joelhos para espancá-lo no traseiro, ao mesmo tempo que diz aos companheiros: “Não empurrem! Cada um terá sua vez!”. E os famosos versos inventados por moleques de rua e rabiscados com giz nos vagões de trem que transportam soldados mobilizados: “*Jeder Schuss ein Russ, Jeder Stoss ein Franzos, Jeder Tritt ein Britt*”.^f Mas outras coisas o sensibilizam profundamente, como aquele poema feito pelo popular escritor Otto Ernst, publicado no nacionalista *Der Tag*, que comenta o fato de a Alemanha estar em guerra com sete países. Ele fica tão emocionado com o poema que acaba copiando-o, palavra por palavra, em seu diário. Duas das estrofes são as seguintes:

*O mein Deutschland wie musst du stark sein
Wie gesund bis ins innerste Mark sein
Dass sich's keiner allein getraut
Und nach Sechsen um Hilfe schaut.*

*Deutschland wie must du vom Herzen echt sein
O wie strahlend hell muss dein Recht sein
Dass der mächtigste Heuchler dich hasst
Dass der Brite von Wut erblasst.*^g

E a estrofe final:

*Morde den Teufel und hol dir vom Himmel
Sieben Kränze des Menschentums
Sieben Sonnen unsterblichen Ruhms.*^h

A agitação retórica e o tom estridente da propaganda não são sinais de que há muito em jogo, e sim o oposto. Há muitos conflitos por resolver, mas nenhum deles tão insolúvel que a guerra seja necessária, e decerto não tão grave que a torne inevitável. Quando as razões são vagas e os objetivos incertos, necessita-se de toda energia possível, seja em palavras que inspirem, seja em propaganda que levante os ânimos.

Richard Stumpf caminha, embriagado ainda com as palavras. O cinzento SMS *Helgoland*, balançando na água, imenso, pesado,

aguarda. Não se avistou nenhum inimigo ainda. Certa impaciência paira no ar.

3. TERÇA-FEIRA, 25 DE AGOSTO DE 1914

Pál Kelemen atinge o front em Halicz

A princípio ele teve dificuldade de entender que não se tratava, mais uma vez, de um exercício de treinamento. Tudo começou em Budapeste. Pál se lembra de como todos o olharam quando ele colocou suas malas em uma carruagem e como, uniformizado de calça vermelha, túnica bordada azul e botas de couro de cano longo, se infiltrou na grande multidão da Estação Oriente, tudo para acabar de pé no corredor do vagão. Ele também se lembra de como as mulheres choravam, uma delas teria caído no chão desmaiada se não tivesse sido salva por um estranho. Uma das últimas cenas que vislumbrou, quando o trem deixava a estação, foi um senhor de idade correndo atrás do comboio, tentando se despedir do filho.

Apesar do calor, a viagem foi suportável. Ao chegar, ele se apresentou no regimento dos hussardos em Szeben. O oficial que trabalhava no recrutamento nem lhe dirigiu o olhar, apenas disse para onde deveria ir. Na mesma tarde, sob o sol quente de agosto, Kelemen foi para o local de mobilização em Erfalu e se acomodou na casa de um agricultor, como de hábito.

Depois as atividades rotineiras: recebimento de material, incluindo cavalo e sela; distribuição dos soldos; uma longa e interminável explicação sobre toda a parte prática, em uma sala abafada demais, onde pessoas desmaiavam mas o bombardeio de palavras só continuava.

Mais tarde, a confiança começou a declinar.

Primeiro, a marcha noturna até o local onde o trem os aguardava. Depois a lenta viagem, as paradas em cada estação para serem saudados pela multidão entusiasmada, “música, tochas, vinho, delegações, bandeiras. Júbilo: Viva o Exército! Viva, viva!”. A seguir o descarregamento, a primeira marcha. Mas nada ainda de guerra

real, apenas o ronco dos canhões e coisas assim. Ainda *podia* ser um exercício. Céu azul, cheiro de excremento de cavalo, suor e feno.

Pál Kelemen tem vinte anos, nasceu em Budapeste, frequentou a escola de latim e tocou violino sob a regência do famoso maestro Fritz Reiner. De muitas maneiras, é o típico jovem do início do século XX da Europa Central urbana: viajado, culto, aristocrático, irônico, refinado e com um fraco por mulheres. Já cursou universidade em Budapeste, Munique e Paris e até frequentou a Universidade de Oxford por um curto período. Quando entraram cavalgando em Stanislau, a principal cidade da Galícia austríaca — ele, um jovem e elegante tenente hussardo (existe alguém mais elegante que um tenente hussardo?) —, Kelemen não pensava na guerra, e sim nas mulheres, em primeiro lugar. Ele acha que se pode contemplá-las à vontade, já que se encontram em uma pequena província. “Elas têm pele branca, são muito pálidas e os olhos são como labaredas.” (Já nas grandes cidades é o contrário, pensa ele, pois lá as mulheres têm o olhar mais cansado, mais dissimulado.)

Quando a divisão atinge Halicz, é como se acabasse o sonho de que se trata de mais uma manobra de treinamento.

No caminho, encontraram agricultores e judeus em fuga. Na cidade há um clima de grande preocupação e confusão, ouve-se falar que há russos se aproximando. Kelemen anota em seu diário:

Estamos dormindo nas barracas. Por volta de onze e meia da noite: alarme! Os russos se aproximam da cidade. Acho que todos estão com medo. Eu me visto às pressas e saio para me juntar ao meu pelotão. No caminho a infantaria já se encontra perfilada. Os canhões parecem rosnar. Quinhentos metros à frente, os rifles estão preparados. Automóveis passam zunindo na estrada. A luz das lâmpadas de carboneto iluminam toda a estrada, de Stanislau até Halicz.

Passo pelos guardas, pulo por cima das cercas vivas, atravessando as valas de aterro. O meu pelotão me espera, em pé, e estamos prontos para acatar as próximas ordens.

Quando amanhece, a população começa a deixar a cidade, em longas filas. Em carroças, a pé, a cavalo. Todos fazem o possível para se salvar. Todos carregam o que podem. Em cada rosto se vê exaustão, poeira, suor e pânico. Um terrível desânimo, dor e sofrimento. Eles trazem medo nos olhos, fazem movimentos tímidos

e estão oprimidos pelo pavor. É como se uma nuvem de poeira tivesse se unido a eles, sem poder flutuar em outra direção.

Estou deitado, insone, à beira da estrada e observo este caleidoscópio infernal. Dá até para ver carroças de militares envolvidos no fluxo de refugiados, e nos campos soldados batem em retirada, a infantaria recua em pânico, a cavalaria está perdida. Nenhum deles ainda possui o equipamento completo. O povo, esgotado, se espalha pelo vale. Foge-se de volta para Stanislau.

Kelemen, deitado na beira da estrada, assiste ao resultado de uma das primeiras colisões sangrentas e confusas com os russos invasores. Como todos os outros envolvidos, ele tem uma visão deturpada do que de fato aconteceu. Vai levar alguns anos até que se chegue a um consenso sobre os reais acontecimentos da chamada Batalha de Lemberg. Mas que foi uma perda colossal e inesperada para o Exército austro-húngaro, isso, sim, não é preciso ser nenhum general para entender.

4. QUARTA-FEIRA, 2 DE SETEMBRO DE 1914

Andrei Lobanov-Rostovski vê o sol desaparecer em Mokotov

Agora chegou a vez deles. As informações são contraditórias. Algo deu errado na Prússia Oriental com a invasão russa. O exército de Rennenkampf está recuando e o de Samsonov está em fuga. Será que é isso mesmo? Na Galícia as coisas parecem estar indo melhor para as forças invasoras russas. Lemberg deve cair a qualquer instante. São necessários mais reforços contra os alemães no norte do que contra os austríacos na Galícia. A artilharia de Lobanov-Rostovski está destinada ao front sul, para que termine de expulsar o já fragilizado Exército austro-húngaro junto à fronteira da Polônia.¹

Agora mesmo estão em reserva, em Varsóvia, acampados em um grande campo em Mokotov. Andrei Lobanov-Rostovski é sapador do Exército russo e tenente da guarda — este último, um cargo que ele ocupa mais por sua origem de nascimento do que por talento. Tem 22 anos, é sensível e muito culto. Gosta de ler, sobretudo romances franceses e história. Estudou direito em Petrogrado e prosseguiu os

estudos em Nice e Paris. É um pouco ansioso e não tem um físico robusto. (Seu pai é diplomata.)

A eclosão da guerra foi um acontecimento um tanto estranho. A cada momento de folga ele ia à cidade para, junto com tantas outras pessoas, se aglomerar e ler as notícias e telegramas que chegavam sobre o assunto. A excitação chegou ao auge quando souberam que Belgrado havia sido atacada. Demonstrações espontâneas de apoio à guerra ocorreram nas mesmas ruas que, apenas alguns dias antes, tinham testemunhado passeatas de grevistas. Ele viu os bondes serem parados pelo povo, que puxava para fora os oficiais, que, qual heróis, eram depois celebrados e carregados pela cidade. Ele se lembra, em especial, de como um trabalhador embriagado abraçou e beijou um oficial que passava. Os circunstantes caíram na gargalhada. Agosto foi um mês de muito calor e poeira, e, apesar de, como tenente, estar a cavalo durante os longos deslocamentos, ele quase teve um colapso com a insolação.

Ainda não participou de batalha alguma. O pior que viu até agora foi a invasão de uma pequena cidade polonesa, onde ocorreu um grande incêndio: os soldados recém-recrutados, empolgados demais, mataram oito judeus, que, segundo alegaram, estavam impedindo que se apagasse o fogo.¹ O clima ficou muito tenso depois disso.

Às duas da tarde, a brigada inteira se enfileira no campo de batalha, em frente às pequenas barracas. Está na hora da missa. Na metade da cerimônia, ocorre algo bastante estranho. O calor insuportável de repente diminui. Quando os soldados olham para cima, percebem o que houve. Um eclipse parcial do sol. A maioria considera esse acontecimento arrepiante. Sobretudo os mais supersticiosos.

Assim que termina o serviço religioso, todos se dispersam. Começam a carregar os trens, que já estão à espera. A manobra leva mais tempo que o normal. Quando chega a vez da unidade de Lobanov-Rostovski, já anoiteceu. O trem vai avançando sem pressa através da escuridão em direção ao sul. Isto é o que se experimenta nos trens em 1914: lentidão. Muitas vezes, esses comboios lotados

de militares andam na mesma velocidade que uma pessoa de bicicleta.^k As estradas de ferro encontram-se lotadas de trens, as quais se deslocam na mesma direção e com um único objetivo. Para o front.^l

Não é a primeira vez que Lobanov-Rostovski se encontra preso em uma ferrovia, onde a tropa está literalmente alinhada. Levam um dia inteiro para fazer uma viagem de três ou quatro quilômetros. Seria muito mais rápido se fossem marchando, mas ordens são ordens.

5. SETEMBRO, 1914

Florence Farmborough vê um morto pela primeira vez em Moscou

“Eu queria vê-la, queria ver a morte.” É como ela relata para si mesma. Até agora nunca viu uma pessoa morta, nem em estado terminal. Algo que até parece estranho, levando em conta que já tem 27 anos. A explicação é que até o mês de agosto de 1914 tivera uma vida bastante protegida. Florence Farmborough nasceu e cresceu no interior da Inglaterra, em Buckinghamshire, mas vive na Rússia desde 1908. Ela trabalha em Moscou, como governanta das filhas de um famoso cirurgião russo.

A crise internacional que cresceu durante o final do verão de 1914 passou em branco para ela, já que se encontrava com a família do patrão na datcha deles, fora de Moscou. De volta à capital, foi atingida como todos os demais pelo mesmo “entusiasmo juvenil e patriótico”. Sua terra natal e a Rússia estavam unidas contra o mesmo inimigo, a Alemanha. Essa jovem ativa e empreendedora logo começou a pensar sobre de que forma poderia ajudar na guerra. A resposta não tardou a aparecer: como enfermeira. Seu patrão, o famoso cirurgião, conseguiu convencer os responsáveis por um hospital militar privado a aceitar Florence e as duas filhas dele como voluntárias. “Estávamos tão eufóricas que nos faltavam palavras. Até nós iríamos ajudar nosso país nesta guerra.”

Os dias têm sido maravilhosos. Depois de um tempo começaram a chegar os feridos, dois, três de cada vez. No início havia muita coisa desagradável nesse trabalho e ela às vezes recuava diante de um caso mais sério ou um ferimento grave. Mas com o tempo foi se acostumando. Além disso, o clima é muito agradável no hospital. Há ali um senso muito forte de união, mesmo entre os soldados:

Há sempre um sentimento de camaradagem entre eles: bielorrussos se afinam melhor com ucranianos, caucasianos com o povo do Ural, tártaros com cossacos. São homens tolerantes, agradecidos pelos cuidados e pela atenção que recebem; raramente, ou nunca, reclamam de alguma coisa.

Muitos dos feridos estão ansiosos para voltar para o front o mais rápido possível. O otimismo é grande entre os soldados e entre os funcionários do hospital. Logo as feridas estarão curadas, logo os soldados voltarão à luta, logo a guerra será vencida. O hospital tem como regra o atendimento apenas de ferimentos leves, e talvez seja por isso que ela ainda não viu nenhum morto, mesmo depois de três semanas de trabalho.

Na manhã de hoje, quando chega ao hospital, Florence percebe que uma das enfermeiras do turno da noite se encontra um tanto “cansada e tensa”. A mulher lhe diz, a propósito: “Vassíli faleceu hoje cedo”. Vassíli é um dos homens que Florence ajudou a tratar. Era militar, mas apenas cavaliário de um oficial. Seu ferimento não fora causado pela guerra. Ele levava um coice de cavalo na cabeça. Quando foi operado, descobriram que tinha um tumor incurável no cérebro. Durante três semanas, ficou deitado quieto em sua cama. Um homem pálido, frágil, pequeno, que vinha definhando a cada dia, já que tinha dificuldade para se alimentar e queria apenas beber água. E agora morreu, sem drama, tão quieto e sozinho quanto viveu.

Florence decide ver o corpo. Ela entra discretamente na sala usada como capela funerária e fecha a porta com cuidado. Silêncio. Aí está Vassíli, ou o que foi Vassíli, deitado em uma maca. Eis como ela o descreve: “Ele estava tão magro e encolhido que parecia mais uma criança do que um homem. Seu rosto rígido estava cinza,

nunca em minha vida eu vira um rosto com uma cor tão estranha, e suas bochechas estavam murchas”.

Nas pálpebras há cubos de açúcar, para que permaneçam fechadas. Ela sente um mal-estar, não tanto por causa do cadáver, mas mais pelo silêncio e pelo abandono. Pensa: “A morte é muito solitária e imóvel”. Ela faz uma breve oração pela alma do morto e sai rápido dali.

6. SÁBADO, 26 DE SETEMBRO DE 1914

Richard Stumpf participa dos preparativos do SMS Helgoland para a batalha

O toque de alvorada foi dado às quatro da manhã. O navio e a tripulação já acordam em frenética atividade. A tarefa principal: liberar trezentas toneladas de carvão o mais rápido possível. Normalmente, os oficiais não passam informações para os homens, mas os rumores dão conta de que a frota inglesa está a caminho e se encontra no mar Báltico. Alguém diz que ela já atingiu o estreito de Great Belt, na Dinamarca. Stumpf vê que a primeira e a terceira esquadras também chegaram ao porto. “Algo importante está para acontecer.”

Stumpf conclui que a liberação do carvão tem o objetivo de aliviar o peso do navio, para que este possa se movimentar o mais rápido possível e atravessar o canal de Kiel.^m

Ele anota em seu diário:

Toda a tripulação trabalhou com muito esforço durante a parte da manhã. Na hora do almoço, quando havíamos liberado 120 toneladas de carvão, recebemos o sinal da esquadra: “Suspendam os preparativos”. Grande decepção, mais uma vez. Malditos ingleses! Parece que estamos bem informados sobre o movimento da frota deles.

Depois ele acrescenta: “Nada de importante ocorreu nos dias e semanas que se seguiram”.

7. SEGUNDA-FEIRA, 28 DE SETEMBRO DE 1914

Kresten Andresen aprende a fazer curativo em ferimento a bala em Flensburg

Logo chegará a hora. Pode levar um dia, dois, até três. Mas não vai demorar muito agora. Não se trata apenas de conversa de caserna. Há muitos boatos ou suposições que são tratados como verdades, esperanças que se transformam em acontecimentos, temores disfarçados. A incerteza faz parte da natureza da guerra.

Mas há também muitas evidências. Todas as permissões foram negadas, e é proibido sair da caserna. Hoje eles também não fizeram muitos exercícios. Receberam instruções sobre primeiros socorros, sobre como fazer curativos em ferimentos causados por armas de fogo, regras quanto aos suprimentos de emergência, sobre como se comportar no transporte ferroviário, o que acontece em casos de deserção (pena de morte). É o resumo da vida de um soldado em tempos de guerra: batalha, abastecimento, locomoção, obrigação.

Kresten Andresen está chateado, preocupado e assustado. Ele não sente a menor vontade de ir para o front. Pertence a uma daquelas minorias nacionais que, de repente, são forçadas a participar de uma guerra na qual não têm real interesse. Ele se encontra como que paralisado. Muitos se preparam para morrer e matar por um país com que não têm a menor ligação ou pelo qual não nutrem nenhum sentimento patriótico. Alsacianos e poloneses, rutenos e cassubianos, eslovenos e finlandeses, sul-tirolezes e siebenburgueses, bálticos e bósnios, tchecos e irlandeses.^u Andresen pertence a um desses grupos: o dinamarquês é sua língua materna, ele tem cidadania alemã, reside na antiga área dinamarquesa ao sul da Jutlândia, que há mais de meio século pertence ao território alemão.^o

Em todos os países onde há minorias nacionais, há muita preocupação com os problemas que elas possam criar com a eclosão da guerra. O que já está ocorrendo nas regiões de idioma dinamarquês na Alemanha. Quando mal haviam sido publicadas as

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "A Beleza e A Dor - Uma História Íntima..."
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).